

“MOCHILAR”: A ARTE DO “EU” POR UMA PRÁTICA DE LAZER

Denise Falcão¹

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Universitat de Barcelona
Barcelona, Catalunya, Espanha
CAPES – FAPEMIG

RESUMO: Este artigo apresenta um olhar sobre os mochileiros e as viagens de mochila como uma prática de lazer nas sociedades contemporâneas que propicia a emergência do sujeito em sua singularidade. Compreendidos como sujeitos que viajam de forma independente, mais barata e que intencionam o encontro com o outro (podendo ser o outro de si mesmo), desvelou-se pela pesquisa realizada, que para além de uma forma alternativa às viagens pautadas pelo modelo hegemônico de viagens turísticas, “mochilar” representa um estilo de vida. No deslocamento tempo/espaço descontínuos proporcionado pelas viagens e perseguido pelos mochileiros mediante a experiência de alteridade que provoca um duplo estranhamento no ser e estar diferente de si mesmo e do outro, o sentido desta prática fica evidenciado. E o sentido do “mochilar” aponta que os aspectos relacionais, as aprendizagens diversas e o autoconhecimento gerados por essa forma de viajar representam os aspectos constitutivos do ser mochileiro.

Palavras-chave: Lazer. Alteridade. Mochileiro. Turismo.

“BACKPACK”: THE ART OF “THE SELF” FOR A LEISURE PRACTICE

ABSTRACT: This article presents a look at the backpackers and backpacking trips as a practice of leisure in contemporary society that provides the emergence of the subject in its singularity. Understood as subjects traveling independently, cheaper and intend the encounter with the other (either the other of himself), unveiled by the survey, that besides an alternative way to travel guided by the hegemonic model tours, “backpacking” is a lifestyle. In commuting discontinuous time/space provided by travel and persecuted by backpackers by otherness experience that causes a double estrangement in being different from yourself and the other, the meaning of this practice is evident. The sense of “backpacking” points out that the relational aspects, the different learning and self-knowledge generated by this form of travel represent the constitutive aspects to be a backpacker.

Keywords: Leisure. Otherness. Backpacker. Tourism.

¹ Doutoranda do programa Estudos em Lazer/ UFMG (Bolsista FAPEMIG). Realiza “Doutorado sanduíche” no programa de Antropologia Social da Universitat de Barcelona (Bolsista CAPES). E-mail: defalcao1@gmail.com

"MOCHILAR": EL ARTE DE "SI MISMO" POR UNA PRÁCTICA DE OCIO

RESUMEN: Este artículo presenta una mirada sobre los mochileros y los viajes con mochila como una práctica de ocio en sociedades contemporáneas que propicia la emergencia de un sujeto en su singularidad. Comprendidos como sujetos que viajan de forma independiente, más barata y que tienen la intención de encuentro con otro (pudiendo ser un otro de sí mismo), la investigación realizada demuestra que más allá de una forma alternativa a los viajes pautados por el modelo hegemónico de viajes turísticos, "mochilear" representa un estilo de vida. En los desplazamientos en el tiempo/espacio discontinuo proporcionados por los viajes y buscados por los mochileros mediante la experiencia de alteridad producto de un doble extrañamiento de ser y estar diferente de sí mismo y de otro, el sentido de esta práctica se hace evidente. Así, el sentido de "mochilear" muestra en sus aspectos relacionales, en los aprendizajes diversos y en el autoconocimiento generados por esa forma de viajar, la representación de los aspectos constitutivos de la condición de mochilero. .

Palabras-clave: Ocio. Alteridad. Mochilero. Turismo.

Paisagem do estudo

Mochileiros e viagens de mochila. Quando se fala acerca desses sujeitos e suas práticas, mobiliza-se um incalculável número de representações simbólicas diante dessa atividade e dos sujeitos praticantes. É possível obter tantas representações quantos sujeitos envolvidos na questão. Esse tipo de fenômeno constituído por uma subjetivação coletiva habita o imaginário social. Assim, apresentam-se como sinônimos vocábulos e expressões como: aventureiro, "hippie", andarilho, gasta pouco dinheiro, corajoso, sem destino, vagabundo, etc.

Para eliminar possíveis distorções e aproximar respostas à pergunta: Quem são os mochileiros? Utiliza-se, neste estudo, a caracterização de Perce & Locker-Murphy (1995), que os descreve como pessoas que organizam o itinerário das suas viagens de forma mais independente, flexível e econômica, por períodos longos, que enfatizam o encontro com outras pessoas (do local ou estrangeiras) e que buscam conhecer vários destinos. Desse modo, os mochileiros não participam do turismo de massa, aqui entendido como um turismo em grande escala que se propõe a proporcionar conforto, segurança e lazer.

Frente a essa massificação na forma de viajar, percebe-se que os mochileiros possuem uma dinâmica peculiar por desenvolverem práticas mais singulares. Diante disso, a investigação procura refletir como esse percurso de individuação do sujeito se faz presente na relação com uma sociedade que tenta anular a singularidade pessoal através de propostas prescritivas e homogeneizantes do mercado turístico.

Nessa mediação sujeito-mundo, desvela-se a particularidade que toda atividade humana possui ao tentar escapar da padronização e da força da coerção social imposta por padrões hegemônicos. Neste sentido, é sobre este movimento de viajar de forma contra hegemônica e das aprendizagens advindas desse esforço, que esta investigação se debruça colocando a

“emergência do sujeito” (REY, 2004) como posição central no estudo. Para tanto, enveredou-se pelos sentidos constituídos pelos mochileiros em sua atividade de “mochilar”. Buscou-se nas experiências pessoais, traços que são únicos, próprios, singulares, que permitam compreender aspectos qualitativos não explícitos nas dimensões coletivas e sociais possíveis de captar pelas entrevistas e no trabalho de campo.

Metodologia

Essa pesquisa de abordagem qualitativa utilizou múltiplos métodos para a compreensão interpretativa dessa experiência humana. Foram eles: Pesquisa bibliográfica; Pesquisa de campo e observação de campo; Entrevista semiestruturada; Amostragem pelo método bola de neve e análise de dados.

As entrevistas foram realizadas durante o ano 2012 com oito mochileiros e seis responsáveis por hostels. A escolha das localidades nas quais a pesquisa foi desenvolvida não foi uma tarefa fácil. Era necessário encontrar localidades que fossem frequentadas por mochileiros. E encontrar os mochileiros. Esses desafios surgiram pelo fato de que mochileiros não se encontram em associações, em sindicatos, em catálogos ou qualquer outro tipo de corporação. Essa tarefa com alto grau de incerteza promoveu para a pesquisadora e para pesquisa um certo grau de aventura e risco quanto a eficácia da metodologia de observação de campo. Procurando encontrar indícios que ajudassem na escolha de locais adequados, foi verificado, nas pesquisas sobre o tema e na revisão bibliográfica, que os locais frequentados por mochileiros geralmente apresentam natureza exuberante e/ou um acervo histórico-cultural acentuado. Sendo assim, a pesquisa se realizou, com sucesso, em distintas localidades: Paraty - RJ, Paraty-Mirim-RJ, Trindade-RJ e Belo Horizonte-M.G. no Brasil; Córdoba e Rosário, na Argentina. Dos oito mochileiros pesquisados seis foram entrevistados durante suas viagens e dois foram encontrados trabalhando para conseguir recursos e voltar a viajar.

O perfil dos mochileiros para esta pesquisa se baseou nos seguintes critérios:

- Reconhecer-se como mochileiro. Ele devia se auto intitular mochileiro;
- Ter idade igual ou superior a 29 anos, já que, segundo o Estatuto da Juventude, aprovado na forma de um substitutivo em assembleia na Câmara de Deputados, no dia 06 de outubro de 2011, classifica-o como um adulto;
- Já ter realizado, pelo menos, uma viagem de mochila sozinho (a). Esse critério é justificado pela experiência vivida de forma singular, enfatizando o realizar só;
- Ser brasileiro.

O critério da faixa etária mais elevada (adultos) foi adotado para se pesquisar sujeitos que faziam dessa prática uma opção, eliminando, dessa forma, um grande contingente de jovens que viajam “mochilando” pelo fato de apresentarem pouco dinheiro para efetivar a viagem. Os responsáveis pelos hostels não possuíam nenhum perfil específico.

Após o registro das entrevistas em mídia digital, os dados foram transcritos e analisados. Este artigo é um recorte dessa investigação maior, que foi desenvolvida no programa de pós-graduação em estudos do lazer UFMG/2013, contando com o apoio da Capes na forma de bolsa de estudos.

Nos primórdios das experiências

"Mochilar" representa uma escolha pessoal. Com isso, não se desvincula a motivação do sujeito para a prática da influência do contexto social em que ele vive, muito pelo contrário. Fato é que toda escolha carrega em si rastros de elementos que, por afinidade ou repulsa, vão aproximando ou afastando o sujeito daquilo que lhe convém. Sendo assim, desvela-se, através das falas dos entrevistados, possíveis elementos simbólicos e possíveis experiências pessoais que ganharam força e influenciaram os sujeitos em direção à prática da viagem de mochila.

Na análise sobre o modo como começaram a praticar a "mochilagem", sobre quando havia acontecido um "primeiro" contato com a "prática de mochila", elementos em comum foram evidenciados: todos, sem exceção, remeteram-se às viagens de infância, junto aos familiares, ou na entrada da adolescência, junto a amigos. Pode-se inferir que o contato com as viagens nasce em tenra idade, numa atividade coletiva, praticada entre pessoas que compartilham confiança [família e/ou amigos], para depois tornar-se mais individualizada com a permanência da base de confiança instaurada (GIDDENS, 2001).

Na fala dos mochileiros entrevistados fica evidenciada a perspectiva de entrar em contato com o diferente estando em companhia de pessoas que compartilham o sentimento de confiança e se configuram como elo de ligação. Essa relação com a confiança vai ao encontro da ideia de Giddens (2001) de que é fundamental para o sujeito "estar no mundo" desenvolver a segurança na sua dimensão ontológica. Esse autor pontua que a "consciência prática é a âncora cognitiva e emocional da sensação de *segurança ontológica* característica de amplos segmentos da atividade humana em todas as culturas" (2001, p.40). A noção de segurança ontológica está ligada ao caráter implícito da consciência prática. As experiências que os sujeitos vivem constituem organizações para o enfrentamento da vida cotidiana.

Experimentar é uma característica elementar da existência humana. A partir desse pensamento, Garfinkel (1963) formula que para toda pergunta, todo impasse, a resposta dada pelo sujeito em primeira instância será uma representação do conhecimento construído e sustentado pelas convenções sociais. Mas ele adverte que essa resposta não possui uma base segura para o sujeito, pois o caos, que espreita do outro lado das convenções cotidianas ordinárias, coloca o sujeito diante da ansiedade que é estar no mundo. Evidenciando que, para além do convencional, é preciso expressar o singular.

A consciência prática, junto com as rotinas diárias reproduzidas por ela, ajudam a por entre parênteses essas ansiedades não só, nem mesmo principalmente, por causa da estabilidade que implicam, mas por seu papel constitutivo na organização de um ambiente de "faz-de-conta" em relação às questões existenciais. Oferecem orientação que, ao nível da prática, "responde" às perguntas que poderiam ser feitas sobre os referenciais da existência. É de grande importância para a análise que se segue que os aspectos que fundamentam estas "respostas" sejam emocionais e não apenas cognitivos. Até que ponto diferentes situações culturais permitem que se alcance uma "fé" na coerência da vida cotidiana pela provisão de interpretações simbólicas das questões existenciais (GIDDENS, 2001, p.41).

Diante dessa ponderação compreende-se que a capacidade de responder ao mundo, no exercício da singularidade do sujeito, está permeada pela constituição de significados sociais e o comprometimento emocional desempenhado, no qual "confiança, esperança e coragem são relevantes para este comprometimento" (GIDDENS, 2001, p.41).

Passar por situações inesperadas, nas quais o tempo e o espaço estão deslocados, aspecto que sempre ocorre em qualquer viagem, tendo pouca idade e experienciado diferentes formas para obter resolução, parece contribuir muito para o desenvolvimento da autoconfiança, mesmo que essa experiência tenha sido vivenciada de forma coletiva.

Portanto, segurança ontológica representa uma nomeação para a confiança no ambiente e em si mesmo, que permite que a vida seja vivida com algum prazer e tranquilidade, com uma disposição de entrega relativamente relaxada. Percebe-se que essa é a forma de lidar com os acontecimentos, inesperados ou não, que os mochileiros estabelecem em suas viagens – responder as situações à medida que elas aparecem.

Em suma, o sentir-se capaz de lidar com as incertezas e de superar a ansiedade gerada pelos medos e riscos que a aventura proporciona, propiciam a esses sujeitos sentirem-se mais confiantes em tomar suas decisões, bem como uma confiança geradora de um relaxamento diante a vida. Para essa relação dialógica entre risco, aventura e felicidade, no “mochilar”, aponto algumas reflexões a seguir.

Aventura e risco: o feito heroico em busca da felicidade

Mochilar: a arte de ser feliz?

Poderia com esta indagação resumir o que os mochileiros sentem ao viajar de mochila. Todavia, é inegável que esse questionamento afirmativo representa um olhar específico, pertencente a um grupo que faz dessa prática um estilo de vida.

A sociedade contemporânea, na qual estamos inseridos, tem como prescrito para o sujeito, durante sua vida, a busca da felicidade, a busca da satisfação dos desejos. Mas exatamente por estarmos vinculados a um sistema capitalista, no qual a relação produção/consumo dita a norma, quase tudo acaba por se transformar em mercadoria a ser consumida. Vive-se na angustiante dialética entre o ser e o ter.

Na perspectiva de Bauman (2009, p.12), a transformação dos mercados de bens em uma “estrada real para uma vida significativa e feliz” necessita ser repudiada em contrapartida à ideia de que os bens cruciais para a felicidade humana não têm preço de mercado nem podem ser adquiridos em loja. Desse modo, nas palavras do autor (p.12), fica evidente que aumentar a renda para adquirir esses bens representa um

ônus pesado sobre o tempo e a energia disponíveis para obter e usufruir bens não-comerciais e não-negociáveis como os que citamos acima [amor, amizade, prazeres da vida doméstica, auto-estima proveniente do trabalho, satisfação do instinto de artifice, etc]. Pode facilmente ocorrer, e frequentemente ocorre, de as perdas excederem os ganhos e de a capacidade da renda ampliada para gerar felicidade ser superada pela infelicidade causada pela redução do acesso aos bens que “o dinheiro não pode comprar”.

Corroborando com o pensamento de Giddens (2001), o “eu” é constituído reflexivamente, ou seja, a constituição do sujeito está na ordem direta de sua relação mediada com o mundo. O autor pontua que as tendências globalizantes das modernas instituições transformam a vida social cotidiana e, conseqüentemente, afetam as atividades pessoais e a autoidentidade. “A modernidade é uma cultura do risco” (2001, p.11). Sendo assim, os sujeitos estão envoltos em circunstâncias de incertezas e múltiplas escolhas quase o tempo todo. A escolha de estilos de

vida com maior ou menor risco implica o sujeito em ter uma aptidão para manejar estratégias capazes de lidar com a insegurança.

As viagens sempre acompanharam o caminhar e o circular da humanidade. Em distintos períodos históricos as motivações para as viagens constituíram-se de forma diferenciada: sobrevivência da espécie, curiosidade, exercício da profissão, satisfação do prazer, busca do belo, da fé, sonhos de conquistas, desejo de aventura, encontro com o Outro, busca do desconhecido etc, mas, seja por qual motivação for, a viagem sempre remete a uma espécie de ruptura do cotidiano.

Atualmente a indústria turística (COHEN, 1984; URRY, 2001; SORENSEN, 2003) amplia as motivações para as viagens. Vendendo e estimulando o desejo de viajar, essa indústria propaga a viagem como realização de sonhos, encontro com a felicidade e vida paradisíaca. Postula o romper com o cotidiano numa dimensão imaginária ilusória que hoje possui forte valor social. Esse valor social comporta a dimensão de descanso (tempo fora do trabalho), de qualidade de vida (saúde, bem-estar, alegrias), de ampliação do conhecimento (encontro com diferentes culturas) e a vivência do belo confortável (lugares com "paisagens paradisíacas" e/ou "exóticos" usufruídos com segurança e comodidade).

Todavia, não se pode pensar num mundo linear no qual apenas a força da coerção social exerça pressão. Sempre há contrapontos nos quais sujeitos que não compactuam com esse pensamento movimentam em força contrária, na busca de outra lógica, para viver transgredindo o prescrito. Sendo assim, essa pesquisa traz à tona a maneira como os mochileiros viajam, como outra forma de viajar, diferente da propagada pela mídia na relação de consumo.

Mais do que conforto e segurança, os mochileiros buscam aventuras e se prédispõem a correr riscos (calculados). Querem entrar em contato com o diferente, mas não pagam por tal serviço, pois entendem que esse contato é inerente ao ato de "mochilar". Eles também buscam a satisfação do desejo e da felicidade, como postulado pelas mídias, porém tendo como diferencial que essa satisfação é gerada pelo exercício da atividade que, para eles, traduz um sentido pessoal de conquista.

Quando se fala de viagem de mochila, de aventura, não se fala de segurança absoluta. Muito pelo contrário, o que está em pauta é a insegurança, o risco. Este estudo aponta que os mochileiros enfrentam riscos calculados, pois ao planilharem seus roteiros, ao pesquisarem sobre o lugar a que se destinam, ao verificarem as condições climáticas ou a situação política da localidade que pretendem visitar, minimizam os riscos e as possibilidades de insucesso da jornada. No entanto, a motivação vem do risco e ele tem como característica a impossibilidade de sua extinção. Desse modo, saber de sua presença e arriscar-se representa colocar à prova a capacidade de lidar com as incertezas e a capacidade de superação.

A concepção de risco vai modificando junto com a transformação das sociedades. A noção de risco apresenta elementos da subjetividade individual dos sujeitos - experiências vividas e constituição da segurança ontológica (GIDDENS, 2001) - aliada à construção simbólica e social de quais são "os riscos" do tempo/espço em que se vive. Os riscos da atual sociedade contemporânea são muito diferentes do que se entendia como risco na época das grandes navegações, por exemplo. Naquela época, sair da Europa para chegar à América constituía uma aventura, muitas vezes, com final trágico, pois não havia conhecimento científico capaz de garantir uma viagem segura. Hoje, esse mesmo roteiro acontece sobre a égide do lazer como

uma viagem turística, um cruzeiro marítimo, vendido para desfrute e prazer daqueles que podem pagar pela “aventura”.

Todavia, essa segurança é ilusória. Basta lembrar Titanic e outros acidentes com transatlânticos. É claro que os avanços tecnológicos influenciaram essas mudanças. Entretanto, a própria tecnologia que, por um lado, traz a segurança em determinados aspectos (navegação segura, previsão do tempo, conforto etc), carrega em si uma imprevisibilidade das ameaças que também existem por esse avanço (usinas nucleares, armas biológicas, poluição, rompimento de barragens etc). Os riscos mudaram, mas continuam exercendo forte influência na subjetividade social da sociedade contemporânea. Observa-se a força desse elemento “o risco” com maior clareza quando se verifica a securitização da sociedade. Hoje para “tudo” tem-se um seguro. E esse movimento de “assegurar” a si e aos bens materiais produz e retroalimenta a sensação de insegurança que assola nossa sociedade e nossos pensamentos.

Mas, colocar-se em risco voluntariamente também é testar a capacidade de lidar com as incertezas e a capacidade de superação. Nesse sentido, fica evidente que não há uma relação dicotômica e sim dialógica entre risco e segurança. Já que se busca segurança diante da iminência do risco numa relação recursiva (MORIN, 1990).

Nas entrevistas observa-se que a maioria dos entrevistados prefere “mochilar” em ambientes junto à natureza pela própria imprevisibilidade que esse ambiente propicia. Atividades como montanhismo, acampar em cachoeiras, praias desertas e espaços pouco habitados fazem parte da preferência desse grupo.

A relação de satisfação e prazer apontados pela superação de algum “sufoco”, de alguma dificuldade passada, representa motivo de orgulho para os mochileiros. Quando indagados sobre se já haviam passado por algum “grande” risco, todos tiveram muitas histórias para contar.

Ao analisar as narrativas, o pensamento de Le Breton (1996) advém, para o entendimento do resgate do herói adormecido que todo sujeito possui. Ao aventurar-se em ambientes desconhecidos, os mochileiros transformam os obstáculos encontrados em uma plataforma de ascensão. A paixão pelo risco dá vida aos seus heróis interiores aguçando a capacidade de superação e buscando a satisfação traduzida em felicidade pela conquista. Segundo Bauman (2009, p.43), “se a felicidade pode ser um “estado”, só pode ser um estado de excitação estimulado pela incompletude”. Deriva daí o fato de nunca ficarmos satisfeitos e assim, após cada realização, a cada conquista, um novo sonho aparecer e a necessidade de satisfação ressurgir impulsionando novos movimentos.

Muitas dessas realizações que acarretam a sensação de felicidade para os sujeitos mochileiros foram realizadas individualmente. Todavia, o feito heroico só ganha representatividade como tal ao ser avaliado pelo Outro. Portanto, não é uma surpresa a necessidade e o prazer que se encontra nos mochileiros em contar seus feitos e bravuras.

Enquanto narravam seus “atos heroicos”, seus olhos brilhavam e seus rostos se iluminavam, ao recordar suas aventuras durante as entrevistas. A memória vai seletivamente buscando traços que pareciam apagados, mas que, num sopro de autoestima, iam se desvelando e, as lembranças, ajudando o sujeito a construir a imagem de si mesmo. Talvez contar a aventura, mais do que vangloriar-se pelo feito, seja uma possibilidade de reinventar-se dando sentido à própria existência.

O sentido de estar só: a decisão ao alcance da mão

A capacidade de responder ao mundo de forma criativa e singular torna o sujeito responsável por suas escolhas. Parece que os mochileiros apresentam essa perspectiva quando se lançam a uma aventura. É a motivação para ser o construtor de sua história, é o desejo de se auto expressar que aponta e decide qual caminho seguir. Nesse aspecto, a surpresa aparece quando constatado que os mochileiros preferem viajar sozinhos. Isso não significa que eles viajam o tempo todo sozinhos ou que vivam a solidão. Pelo contrário, os mochileiros mostravam-se abertos à rotatividade de companhias. Durante os seus relatos demonstravam que, por muitas vezes, conheciam várias pessoas (mochileiras ou não) numa mesma viagem, que viajavam juntas por um período de tempo ou percurso. Todavia, evidenciavam que não desejavam permanecer com a(s) mesma(s) pessoa(s) negociando decisões por muito tempo. Portanto, a troca mostrava-se inevitável e a rotatividade inerente. Evidencio que o estar/permanecer só tem um caráter temporário da mesma forma que o estar/permanecer acompanhado. Essa relação aparentemente dicotômica traduz uma abertura para novas relações, para novas aprendizagens de convívio, mas também pontua o interesse no realizar só, no assumir o comando da própria vida arcando com os ônus e os bônus que possam advir. Representa o sujeito em sua duplicidade existencial experienciando estados que se contrapõe e se complementam, ao mesmo tempo.

A necessidade de liberdade para agir que os mochileiros demonstram em sua atividade não era de modo algum "índice de uma ideologia individualista ou de qualquer narcisismo efêmero" (MAFFESOLI, 2001, p.69), mas, sim uma capacidade para desprezar fronteiras nacionais, civilizatórias, ideológicas, religiosas, em busca de viver concretamente alguma coisa universal, o que Maffesoli denomina de "valores humanistas" (p.70).

Pode-se inferir que a afirmação do sujeito por suas ações singulares "é um modo de escapar da solidão gregária própria da organização racional e mecânica da vida social moderna" (MAFFESOLI, 2001, p.70). Essa organização societal, para o autor, redundava na destruição do corpo social. "Essa dialética entre a solidão e a perda do indivíduo numa globalidade" (p.71) leva o sujeito mochileiro a buscar o encontro com seu ser original.

Estando livre das amarras sociais por tempo/espaço deslocados, por sentir-se outro em si mesmo (PEREZ, 2009), os mochileiros vivenciam uma religação com a natureza e o mundo social de forma particular. Esses encontros fortuitos possibilitados inclusive pelas novas tecnologias contemporâneas (celular, internet) propiciam ao indivíduo encontros ao acaso, que por não terem obrigatoriedade de duração longa, permitem ao sujeito ultrapassar sua individualidade para unir-se à essência de uma relação de troca. Desse modo, por se sentirem passageiros, a circulação de sentimentos e das emoções possuem uma fluidez maior entre os mochileiros. Sujeitos que se mostram mais abertos a interagir com o mundo em sua diversidade.

(Com)vivências em hostels: a coletividade singular dos mochileiros

A preferência em realizar a viagem "só" aparece como evidência entre os mochileiros. Todavia, quando se reconhece a complexa teia de possibilidades que uma atividade proporciona, seria imprudente defini-la como algo fechado e com comportamentos padronizados. Não se trata

de defender qual a forma mais utilizada, muito menos, a existência de uma só forma. Para a pesquisa, torna-se relevante apontar que para além do que se repete, há também o que se diferencia, mesmo que isso possa parecer um paradoxo.

O ser humano é complexo em suas relações e em suas atividades. Neste sentido, outros pontos de vista nas formas como as relações com mochileiros se estabelecem e são vivenciadas podem ser apontadas.

Na percepção dos responsáveis pelos hostels, tem-se uma visão pautada por um olhar que observa uma parte da atividade dos mochileiros em um espaço de convivência coletiva, porém restrito ao público que ali se hospeda. Esse espaço apresenta variações de energia e de comportamento no ambiente, impelido pela rotatividade de pessoas que ali transitam em suas idas e vindas. Desse modo, os mochileiros que se hospedam em hostel, diferentemente dos que acampam, permanecem em um espaço que propicia e configura uma convivência coletiva mais próxima.

Os hostels são hospedagens geralmente com preços mais acessíveis [por isso a fama de hospedagem de mochileiro] e que possuem quartos coletivos. Para ser considerado um hostel é necessário oferecer cinco pontos básicos para os hóspedes: segurança, higiene, conforto, hospitalidade e bom preço. Mas nem sempre esses cinco itens são cumpridos a rigor. Todos os hostels possuem uma cozinha de uso coletivo, possibilitando que o hóspede faça suas compras e realize suas refeições com custos mais baixos.

Exatamente pelo uso de espaços coletivos é que temos nos hostels um ambiente de convivência muito forte. Tanto nos hostels nos quais entrevistei os responsáveis quanto nos hostels em que me hospedei para realizar esta pesquisa, constatou-se que, além da cozinha como espaço coletivo, todos possuem sala de convivência [que é muito frequentada] e, pelo menos, um computador disponibilizado para uso coletivo.

Retornando à percepção dos responsáveis pelos hostels em relação à frequência, à sociabilidade e à atitude dos mochileiros em suas hospedagens, tem-se os seguintes indícios: os entrevistados acreditam que a maioria dos hóspedes, que se hospedam em hostels, é mochileiro. Eles são assim identificados pelo tipo de bagagem que utilizam (mochila), por procurarem hospedagem com preço mais acessível e por desejarem [segundo os entrevistados] conviver com outras pessoas. Muitos dos mochileiros são estrangeiros, o que demonstra [já que pesquisei hostels no Brasil e na Argentina] que viajar para outro país é comum quando se trata de mochileiros.

Outra percepção recorrente entre os responsáveis pelos estabelecimentos é que os mochileiros escolhem os hostels para se hospedarem justamente pela possibilidade de sociabilidade que o espaço proporciona. É a motivação em conhecer pessoas, em trocar ideias e informações, em conseguir companhia para algum roteiro.

Uma jovem argentina de 25 anos de idade, responsável por um hostel em Paraty e que também é mochileira [é comum encontrar mochileiros “tomando conta” de hostels] apresentou a seguinte observação em relação a essa busca de sociabilidade dos mochileiros:

Aqui chega muito mochileiro, muitos são estrangeiros mais até que brasileiros. O que eu percebo é que as pessoas tão sentindo necessidade de reunir, de se encontrar...mas as cidades já não permitem muito isso. Todo mundo corre o tempo todo e não tem tempo para se ver. Então viajar e vir para um hostel é uma oportunidade de conhecer gente e de comunicar. Todo mundo quer conhecer outras pessoas. O hostel permite as pessoas se comunicarem cara a cara. Com os recursos virtuais (celular, internet, etc.) as pessoas não se encontram mais. Eu acho que tá todo

mundo sentindo falta desse contato. Pelo menos as pessoas que escolhem ficar em hostel. O que eu vejo é que elas querem conversar, trocar. Aqui vira uma grande família. Todo mundo conversa, às vezes em várias línguas, mas as pessoas se esforçam para entender umas às outras e dá certo. Tem também muita solidariedade. Quem vem para cá tem o espírito de dividir, compartilhar...Então acontece muita coisa interessante nas relações. Às vezes tem também alguns estresses, mas é muito pouco. A galera, na maioria, quer paz e leva bem as diferenças.

Verificou-se, ao longo dos vinte e cinco dias de imersão em hostel [tempo esse dividido em quatro hostels], que a troca de informações é intensa e a convivência é desejada pela maioria. A diversidade nas relações que se estabelecem proporciona encontros que talvez não fossem possíveis se estivessem em outro espaço. O ambiente/espaço representa, de certa forma, um facilitador de encontros.

Em muitos momentos os hostels se apresentavam como um caldeirão polissêmico. Havia uma excitação causada pela diversidade, um calor emanado pelo desejo de troca e tentativas em tempo integral de entender e ser entendido. São pessoas de línguas, idades, opções sexuais e ideologias diferentes, procurando conversar e estabelecer vínculos. Dividindo gostos, compartilhando culturas, mediando diferenças e semelhanças. Esses vínculos, muitas vezes fugazes e efêmeros, que se realizam pela motivação do encontro com o Outro, pelo desejo em conhecer o diferente, pela experiência da alteridade, fazem a circulação de ideias e sentimento, propiciando aprendizagens.

Outra questão também interessante em relação a esse tipo de encontro efêmero que acontece durante as viagens é que o convívio com pessoas que não possuem referência a respeito do passado do sujeito acaba por libertá-lo de uma necessidade de coerência e fidedignidade em seus discursos, o que permite inventar histórias sobre ele mesmo, assumir novos personagens ao longo dos encontros que ocorrem nas viagens (URBAIN, 2003). Assim, não é possível saber onde começa a realidade e em que momento o sujeito reconstrói um discurso apoiado no que deseja parecer ser, e não no que de fato ele seja.

Esta "imunidade do passado" não parece ter importância para os mochileiros, pois, numa relação furtiva entre desconhecidos, a dialogicidade aparece, já que ao mesmo tempo em que o discurso pode conter elementos do imaginário, ele pode, também, conter confissões de "pecados", de sonhos, de frustrações e de desejos, expressando o que de mais singular habita o sujeito.

Pode-se pensar metaforicamente que um hostel se transforma "neste entre e sai de pessoas que se escutam e se confessam, como em um divã psiquiátrico, e a falta de laços efetivos gera um clima propenso para as conversas sinceras" (BRAGA, 2011, p.10).

"Mochilar", seja na natureza ou na cidade, representa a liberdade de opção feita pelo errante. Representa ainda a motivação do sujeito que busca de um modo místico "a experiência do ser". "Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa, sempre, da ajuda do outro. O outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande Outro da natureza, ou de tal ou qual divindade" (MAFFESOLI, 2001, p.70).

Nesse mesmo sentido, a errância reintegra a unidade do eu e da natureza, do eu e do outro. Restaura conseqüentemente uma visão mais ecológica e menos racionalista e econômica do mundo. "Mochilar" também representa para os mochileiros transformar o mundo no cenário para aprendizagens distintas e para a expressão da sua singularidade, desde que de posse de suas mochilas.

O passaporte de sonhos: a mochila

Roteiro pronto, mochila nas costas, hora de partir para a aventura. Quando indagados sobre o porquê da mochila, sobre o que esse objeto representa, mais uma vez esbarra-se com a ideia de liberdade. Essa liberdade caracterizada pela facilidade de mobilidade, pela possibilidade de ir e vir com maior desenvoltura. A mochila deixa as mãos livres, ela possibilita caminhar por terrenos diversos com mais segurança e conforto [subir montanha, andar na praia, atravessar rio, descer penhascos], permite pegar condução coletiva [ônibus, trem, metrô] com maior facilidade.

A mochila tem também um significado forte de independência e identidade. Ninguém se identifica como um mochileiro se não tiver uma mochila. Nela os mochileiros carregam “tudo” que precisam para viver [pelo menos no tempo/espaço de duração da viagem]. E esse momento no qual cada sujeito escolhe qual é o seu “kit sobrevivência”, desvela-se o sujeito e sua relação com o mundo. Nesse aspecto, a identidade constitui um sentido de diferenciação e pertencimento do sujeito (MARQUES, 2001).

De forma consensual os mochileiros revelaram que foi uma alegria o momento da compra ou o ganhar da primeira mochila. Para alguns, ela, a mochila, veio num processo natural de quem vai viajar necessitando de mais mobilidade, mais liberdade; para outros, adquirir este objeto foi uma conquista do símbolo para tornar-se um mochileiro, a conquista de um desejo, de um sonho. E assim, pode-se inferir que a mochila representa o passaporte, a possibilidade do mochileiro embarcar nesse mundo de aventuras.

Percebe-se alguns elementos comuns carregados pelos mochileiros: Squeeze, lanterna, canivete, máquina fotográfica, barra de cereal e mapas, sempre mapas. Algumas variações decorrem dependendo da escolha do roteiro. Se o roteiro é natureza, alguns elementos como pouca roupa, isolante térmico, comida não perecível e repelente são citados, já quando o roteiro é a cidade, guias turísticos geralmente fazem parte. Todos citaram a importância de se ter um “kit primeiros socorros”, mas nenhum deles carrega esse kit. Apenas um dos entrevistados pontuou que sempre leva seu remédio para sinusite, pois uma crise em uma viagem atrapalharia muito a aventura.

Apesar de saberem do risco inerente da atividade, os mochileiros parecem não acreditar que irão precisar de algum medicamento, pois mais do que qualquer objeto necessário e/ou utilitário, a mochila carrega sonhos.

Outra representação interessante sobre a mochila é o status em relação ao estado de conservação. Os mochileiros se reconhecem e medem o grau de experiência de outro mochileiro pela aparência de sua mochila. Se a mochila é surrada, com aparência de velha, produz maior status entre os mochileiros. É um mochileiro experiente. Se a mochila é novinha e o dono apresenta muita “frescura” com ela, é sinal de que é um iniciante.

A ideia de carregar tudo que precisa dentro da mochila proporciona ao mochileiro a segurança de sobrevivência. Procurando compreender como essa noção de segurança foi desenvolvida por esses sujeitos, volto a destacar suas histórias de vida na constituição primeira da confiança básica.

A emergência do sujeito no prazer de “mochilar”: transgressões e

aprendizagens

Nas últimas décadas do século XX e nesse início do século XXI, a sociedade contemporânea caracterizou-se pelo espetacular, pelos simulacros, pela supervalorização do belo e do consumo. Essa supervalorização do excepcional trouxe à tona a valorização do feito individual em primeira instância, que vem na tentativa de satisfazer os conflitos, as insatisfações, as angústias consequentes do embate travado entre as exigências feitas ao sujeito pela demanda social e as suas demandas pessoais.

Está postulado ao sujeito que é preciso se destacar na massa. É preciso ser original e singular. Todavia, para ser diferente é preciso que se reconheçam as semelhanças. Nesse ponto, é interessante perceber que ser mochileiro carrega uma subjetividade coletiva que espera determinados comportamentos do sujeito relacionados à liberdade, à determinação, à coragem, à "rebeldia", à capacidade de gerir viagens com pouco dinheiro, etc.

Ao mesmo tempo, a indústria turística já percebeu nos mochileiros um nicho de mercado que pode ser fomentado e gerar lucros. Desse modo, já existe um rol a ser adquirido, de utensílios e guias especializados, para os que gostam de aventura e do "estilo mochileiro". Portanto, compreender as tensões existentes entre ser mochileiro por um sentido pessoal não exclui as influências do status de ser mochileiro veiculado pela mídia e pelo valor social.

Uma expressão utilizada de forma recorrente pelos entrevistados é "colocar o pé na estrada". Não é possível falar de mochileiro se não falarmos de viagem, pois "mochilar" tem como condição básica viajar de mochila. E o "estar na estrada" seja ela trilha, asfalto ou nuvens, é a condição para o sujeito seguir rumo ao desconhecido. Por caminhos desconhecidos chega-se aonde ainda não se conhece. No caminho conhecido chega-se aonde já se sabe.

Essa intrigante proposta que o desconhecido oferece ao viajante suscita o desejo por novos conhecimentos. Nesse aspecto, Santos (1988, p.71) pontua que "todo conhecimento é autoconhecimento". E o processo de autoconhecimento depende da aprendizagem inerente.

Ao abordar a categoria aprendizagem fala-se na perspectiva de ser e estar no mundo, na perspectiva de conhecimento que gera autoconhecimento. Para os mochileiros que rodam o mundo variando seus encontros e sociabilidades com culturas, ambientes e pessoas distintas, entre cidades de pedras e naturezas pouco exploradas, essa experiência de alteridade está diretamente relacionada à aprendizagem. Nessa maleabilidade necessária para conviver, respeitar e integrar-se ao diferente, a sociedade modifica o indivíduo da mesma forma que o indivíduo modifica o social. Nesse aspecto, Simmel (1983) discorre sobre essa interferência em seu texto intitulado "O Estrangeiro", no qual sinaliza a circulação de ideias, costumes e bens que todo e qualquer "forasteiro" traz e movimenta no saber local e com isso, o saber local se auto organiza modificando-se e produzindo mudanças no individual. Essas mudanças ocorrem devido ao que ele [Simmel] intitula de unificação da proximidade e distância, que permeia todas as relações humanas.

A vivência de aprendizagem representa uma marca muito forte entre aqueles que viajam de mochila. Durante as entrevistas e depois na análise dos relatos dos entrevistados fica evidente que esse caráter de ampliação do conhecimento, dado pela experiência de viagem, excita os praticantes de mochila a irem cada vez mais além dos limites conhecidos. Ao ousarem transitar por universos ainda desconhecidos (mesmo que o lugar seja o mesmo; pois você nunca

se está do mesmo jeito no mesmo local em tempos distintos), os mochileiros se lançam ao mundo buscando a própria reconstrução, pois como enfatiza Ingold (2001), o conhecimento sempre passa por uma construção e transformação em uso. Aprender representa um aspecto integral da atividade em e com o mundo a todo momento.

Os entrevistados relatam que a aprendizagem, proporcionada pelas viagens de mochila, não poderia ser propiciada por nenhuma instituição social. Nesse sentido, nota-se uma valorização da experiência (prática e emocional) como veículo de aprendizagem. Para Bondía (2002), a experiência representa o marco da aprendizagem. “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência [...] Por isso, a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados” (p.21). Ao fazer esta afirmação, Bondía compreende que o excesso de informação inviabiliza a experiência, pois essa obsessão por um aumento da quantificação de informação, de opiniões, impede a experiência e faz com que nada nos aconteça, já que o tempo é investido na busca e não na vivência.

Segundo Ingold (2001), o conhecimento e a aprendizagem se encontram distribuídos por toda a estrutura complexa de pessoas que agem no cenário e se sustentam nas relações entre elas. A aprendizagem não é um processo separado, nem um fim em si mesma. Ao contrário do que pontuam as ciências tradicionais positivistas, o aprender não é um processo contido na mente do aprendiz e ignorado do viver no mundo ratificando a dicotomia mente e corpo. A aprendizagem necessita da experiência, da vivência, do contato, do estar em relação. Se em muitos casos o aprendizado aparece sem esforço [o que as instituições sociais rejeitam] é porque em algum sentido ele é invisível/silencioso, não necessitando de uma organização padronizada para acontecer.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção do mecânico, da rotina... gesto esse que exige esforço nos “tempos do imediato”, que corre, devido à velocidade e obrigações sociais. Então, essa interrupção, essa quebra de rotina, esse aventurar-se no mundo em busca de experiências, fazem do mochileiro um transgressor do sistema. Alguém que busca alternativas para viver de modo menos massificado pela prescrição das normas sociais.

Frente a isso, torna-se necessário discutir as imposições do sistema capitalista para se adquirir uma felicidade prevista, as quais os mochileiros transgridem. Pontuo, também, como os mochileiros representam essa busca de felicidade através de suas práticas e a necessidade de transgressão do sistema, para que a meta, tão subjetiva, faça sentido para os sujeitos e possa construir um significado mais social relativo ao viajar de mochila.

O sistema capitalista, no qual a sociedade contemporânea está inserida, tem como lógica a relação produção/consumismo. Não a produção/consumo que sempre existiu no desenvolvimento da humanidade como possibilidade de troca e circulação, mas a relação excesso de produção para um aumento do consumo, gerando a necessidade do aumento de produção e, conseqüentemente, uma necessidade no aumento do consumo. Trata-se de um fenômeno circular e linear, uma lógica que se autoalimenta ou como se pode perceber se autoconsome. Segundo Weber (1967, p.33), “o homem é dominado pela produção de dinheiro, pela aquisição encarada como a finalidade última de sua vida”.

Essa perspectiva da venda da força de trabalho humano por dinheiro ilude o sujeito ao alcance do sonho de consumo que o levaria em direção ao alcance de uma felicidade ditada

pelos valores sociais vigentes. "A íntima correlação entre crescimento econômico e maior felicidade é amplamente considerada uma das verdades menos questionáveis" (BAUMAN, 2009, p.8). Essa ditadura do que é ser feliz, composta por bens que se deve possuir ou status que se deve alcançar, afastou o sujeito das coisas que fazem a vida valer a pena e, desse modo, o que vale a pena é aquilo que faz sentido para o sujeito, porque "os bens cruciais para felicidade humana não têm preço de mercado nem podem ser adquiridos em lojas" (BAUMAN, 2009, p.12). Conforme salienta Kant (1981, p.27, *apud* BAUMAN, 2009, p.40), o conceito de felicidade "é de tal modo indeterminado que, embora todos desejem atingi-la, não podem, contudo, afirmar de modo definitivo e consistente o que é que realmente desejam e pretendem". Sendo assim, dedico um item à parte que trata das transgressões produzidas pelos mochileiros, nesse contexto.

Sistemas, brechas e rupturas: possibilidades de (sobre)vivências

No percurso da pesquisa foi possível distinguir dois tipos de mochileiros que se diferenciavam pela forma como usufruíam da atividade. Há mochileiros que praticam suas viagens de mochilas em tempos programados, realizando uma ruptura temporária de seu cotidiano para restabelecer o equilíbrio emocional - férias, fim de semana, feriados, licenças etc. Outros vivem mochilando e, de vez em quando, se fixam temporariamente para restabelecer um equilíbrio econômico.

As duas formas da atividade propiciam uma ruptura com o sistema capitalista vigente. Percebe-se mais uma vez a tensão entre o ser e o ter na vida dos sujeitos.

Na primeira forma descrita, o rompimento parcial representa uma maior segurança porque não desliga o sujeito do sistema, simplesmente o afasta, já que, vencido o tempo da viagem [seja ele qual for], o sujeito se reintegra em sua rotina diária. O sujeito vive uma suspensão de tempo/espço no seu dia-a-dia. Nessa suspensão, ao sair a vagar, encontra com seu eu religando aquilo que o social se incumbem de massificar - a expressão do sujeito. Na segunda maneira de fruição, o sujeito já rompeu com a forma e os valores prescritos para ser "bem-sucedido" (trabalho, casa, família, bens de consumo, etc.), mas como não é um sujeito marginal, apenas escapa do modelo convencional, em determinados momentos, ele precisa reintegrar-se ao sistema para dele não ser banido. Então, ele cria estratégias para (sobre)viver, inclusive, ganhar dinheiro.

Não se pode ocultar a condição socioeconômica desses sujeitos, que pertencem à classe média e à média alta. No entanto, essa condição de classe também revelou questionamentos evidentes de insatisfação com um sistema massificador e produtor de vidas artificiais.

Muitas vezes nos relatos ouvidos, os mochileiros se vangloriavam da astúcia que lhes foi exigida para (sobre)viverem e isso independentemente se "mochilavam" por um período determinado ou viviam "mochilando". A capacidade para transgredir o prescrito e criar uma forma que possibilitasse a superação da insegurança (fome, frio, medo, etc.) e/ou burlar as regras, exigia dos mochileiros atitudes audaciosas e propositivas. Nessa hora, o sujeito emerge com a força do herói e a coragem do guerreiro.

O mesmo sistema que engessa também abre brechas para aqueles que conseguem

perceber a oportunidade e não se fixam no convencional. A arte de viver de forma alternativa, às vezes, tensiona e, às vezes, utiliza da mesma lógica do sistema de produção/consumo valendo-se dos mesmos artefatos que a mídia produz e a sociedade valora. Nesse momento, ilustro com a passagem de um mochileiro que para sobreviver no verão europeu comprou uma esteira, colocou uma roupa branca e ia para os parques (aproveitando a “onda zen”) fazer massagem. Como ele mesmo relata: “ganhei muito dinheiro neste verão!”

Ser mochileiro e enfrentar as incertezas representam uma condição aos que se arriscam nessa aventura. Ser maleável, flexível, capaz de lidar na fluidez da contemporaneidade é uma alternativa para não se quebrar e nem se perder diante da rigidez. Como pontua Bauman (2009, p.22),

Antes um projeto para a vida toda, a identidade agora se transformou num atributo momentâneo. Uma vez planejada, não é mais “construída para durar eternamente”: precisa ser continuamente montada e desmontada. Cada uma dessas duas operações aparentemente contraditórias tem a mesma importância e tende a ser igualmente absorvente.

Portanto a identidade mochileira já traz embutida em seus sentidos e significados a ausência de contornos rígidos, de atitudes esperadas, de comportamentos regulados. O prazer identificado nos mochileiros em fazer diferente estava ligado à “emergência do sujeito” (REY, 2004) que contesta o prescrito, mas também à emergência de um sujeito que precisa do outro para ser reconhecido. Essa identificação, então, se “concentra estritamente na auto-criação, na auto-afirmação e no auto-fortalecimento” (BAUMAN, 2009 p.28).

Como “a descontinuidade e a ruptura são as marcas inconfundíveis da experiência transgressiva” (JODELET, 1998, p.49), pode-se intuir corroborando com Szpacenkopf (2002, p.42) que

A transgressão é um movimento que pode nos aproximar do criativo e do inovador, precisa desamarrear-se do conhecido para fazer surgir o que ainda não pode ser pensado, ou mesmo o que foi pensado e recusado. Transgressão auxilia a avaliar e demarcar novas fronteiras e descobrir novos territórios. Transgressão implica coragem para ultrapassar linhas divisórias, sobretudo quando se tem alguma garantia de volta, ainda que uma volta sempre diferente. Transgressão é a possibilidade de humor, quando se deixa cair o pudor que envolve o proibido.

Enfim, para compreendermos a recursividade complexa que a atividade de “mochilar” possui na relação da transgressão com a emergência do sujeito, é importante compreender, como pontua Bataille (1980), que a transgressão não é a negação da proibição, ela a ultrapassa e a complementa.

Lazer e subjetividade: dilemas sociais e acadêmicos à guisa de conclusões

Ao discutir a mochilagem como uma constituição pessoal e subjetiva de sujeitos que, ao longo da vida, fazem escolhas para que seus “Eu” se tornem presentes e ativos, tensões em uma sociedade diluída frente a um sistema homogeneizante e globalizado emergem. “Mochilar” representa uma dinâmica de lazer que se constitui por uma forma de viajar alternativa e tensiona o modelo hegemônico de viagens turísticas. Mochileiros não utilizam pacotes de viagens e

procuram organizar seus roteiros de forma mais autônoma. Segundo os mochileiros, mais que uma prática alternativa de viagem, ser mochileiro representa um estilo de vida. Mas, as viagens turísticas também são lazeres. Nessa perspectiva, podemos perceber contradições, sendo "necessário esclarecer que o lazer pode representar tanto um espaço de liberdade e dignificação da condição humana, como contrariamente expressar uma forma de reforçar as injustiças, alienações e opressões sociais do presente" (GOMES; ELIZALDE, 2012, p.88).

A força que a sociedade impinge em estabelecer padrões e parâmetros para a realização do lazer e das viagens de lazer apresenta uma perspectiva linear, prescritiva e de consumo. Porém, a mesma força pode revelar-se como força antagônica, ao reconhecer nessa atividade um sujeito ativo, que integra a dimensão cultural e a construção de sentidos e significados para lazeres que usufruem, mantendo uma constante relação com as outras esferas da vida humana - família, trabalho, religião etc.

A prática da "mochilagem" possibilita o reconhecimento de uma fruição de lazer na qual o sujeito é o produtor de sentido diante de um contexto histórico-cultural próprio, questionando tentativas que buscam reduzir lazer ao consumo. As relações entre cultura, sujeito e subjetividade que integram e estabelecem processos de recursividade (REY, 2003), necessitam ser compreendidas, no intuito de evidenciar práticas que, de certa forma, transgridem um modelo hegemônico de experienciar o lazer - no caso particular, as viagens. Desse modo, pode-se constatar durante essa pesquisa que os mochileiros compreendem sua atividade de viajar como uma fruição de lazer para além da perspectiva consumista, pois estabelecem com ela (a viagem) um momento pessoal de encontro consigo mesmo e uma possibilidade de expressar seu eu. E esse "Eu", em alguns momentos, necessita ser transgressivo para se fazer presente.

Quando indagados se "mochilar" era lazer para eles (mochileiros) e o que pensavam sobre o lazer, as respostas obtidas propiciaram compreensão da tensão gerada pela valorização das experiências de aprendizagem com a ideia social existente de lazer.

Percebeu-se que esses mochileiros encaram o viajar de mochila como uma fruição de lazer sim, por possibilitar escolhas pessoais e pelo aspecto "prazeroso" e autônomo que a atividade possui. É interessante notar que esse "prazer" não está vinculado somente a boas emoções experienciadas, mas sim a vivências de emoções distintas como se observou nos relatos das várias situações adversas que os mochileiros vivenciaram em suas aventuras.

Todavia, chamou a atenção o fato de vários mochileiros entrevistados destacarem que "mochilar" não é exclusivamente lazer necessitando acrescentar alguma "qualidade" nessa prática, como aprendizagem, como experiência de vida, como ampliação da cultura, como encontro consigo mesmo, etc.

Desse modo, foi possível inferir que mesmo os esforços acadêmicos nos estudos do campo do lazer, que vislumbram compreender o lazer como uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas (GOMES, 2014), ainda hoje, o lazer é socialmente compreendido por uma visão desprestigiada e reduzida a diversão, a passatempo, a entretenimento e a utilização do tempo livre. Percebe-se desse modo, a existência de uma força coercitiva social que numa escala de valores "desejáveis" para um bom funcionamento da sociedade, empurra o lazer para baixo na escala hierárquica. Sendo assim, parece que os mochileiros, fruidores de um lazer constituinte do sujeito pela subjetividade da sua própria constituição, desejam angariar mais qualidades reconhecidas socialmente em sua prática, valorizando de forma enfática sua atividade.

A necessidade desse reconhecimento observado nos sujeitos que procuram romper com o prescrito pelo sistema, demonstra, em alguns momentos, que o sistema acaba por abarcá-los. É nesse sentido que reafirmo o sujeito como um ser complexo, dialético e inacabado, tendo sua vida mediada pelo estar no mundo, ora transgredindo o sistema, ora compactuando com ele.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo. O proibido e a transgressão**. Trad. João Bernard da Costa. 2 ed. Lisboa, Moraes Ed., 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **A Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, 2002.

BRAGA, Humberto F. Narrativas de si e da alteridade: o relato de viagem na obra “O Grande Bazar Ferroviário”. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. **Anais...** Balneário Camboriú: UNIVALI, 2011.

COHEN, Erik. The Sociology of Tourism: approaches, issues, and findings. **Ann. Rev. Sociology**, v.10, p.373-392, 1984.

GARFINKEL, Harold. “A conception of, and experiments with, “trust” as a condition of stable concerted events”. In: HARVEY, O. J. **Motivation and social interaction: cognitive determinants**. New York: The Ronald Press Company, 1963. p. 187-238.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

GOMES, Christianne L. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. In: **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr., 2014.

GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

INGOLD, Thin. From the transmission of representations to the education of attention. In: _____. **The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography**. Oxford: Harvey Whitehouse, 2001.

JODELET, Denise. A Alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, Angela (org). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1981

LE BRETON, D. **Passions du Risque**. Paris: Métailié. 1996.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARQUES, Walter E. U. **Infâncias (pré)ocupadas: trabalho Infantil, família e identidade**. Brasília: Ed. Plano, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Paris: Instituto Piaget, 1990.

PEARCE, Philip L; LOCKER-MURPHY, Laurie. "Young Buldget Travelers: Backpacker in Austrália". **Annals of Turism Reaserch**, v.22, p. 819- 843, 1995.

PEREZ, Lea F. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas, segunda aproximação. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 52 n. 1, p.290- 338, 2009.

REY, Fernando L. G. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira, 2003.

SANTOS, Boaventura. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.2, n.2, 1988.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.), **Simmel**, São Paulo: Ática, 1983.

SORENSEN, Anders. Backpacker Ethnography. **Annals of Tourism Research**, v. 30, p.847-867, 2003.

SZPACENKOPF, Maria I. O. Um Espaço para a instituição e para a transgressão. In: PLASTINO, Carlos A. (org.) **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2002.

URBAIN, Jean-Didier. **Tourisme de mémoire. Un travail de deuil positif**. Cahier Espaces, n. 80, p. 5-7, 2003.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1967.

Endereço para correspondência

Av. Antonio Carlos 6627 – campus UFMG, EEFFTO/DEF/ OTIUM. Pampulha, Belo Horizonte.
CEP. 31270-901.

Recebido em:

15/06/2015

Aprovado em:

25/08/2015

